

O CONVIDADO DE DRÁCULA

BRAM STOKER



Edição

Carolina Moreira

SUMÁRIO

Prefácio	3
Prefácio original	5
O convidado de Drácula	6

PREFÁCIO

O convidado de Drácula é um pedacinho do universo de Bram Stoker que pode ser levado para qualquer lugar e foi, então, escolhido para figurar esta edição, em primeiro lugar, devido à consideração pessoal.

A segunda razão é a importância da obra de Bram Stoker na literatura de terror e, mais especificamente, na literatura de vampiro. *Drácula* influenciou uma série de vampiros que o sucederam não só na literatura, mas em uma variedade de mídias, como o cinema e a TV.

O vampiro, personalidade que aparece nos folclores de numerosas culturas por todo o mundo sob variadas concepções e nomes, e sua imagem na literatura, transportada da cultura do leste europeu para a ficção, sofreu transformações ao longo do tempo, de acordo com os elementos incorporados pelos diferentes autores em suas obras, formando uma tradição da literatura de vampiro.

O que nos leva ao terceiro motivo: o caráter de inovação e, ao mesmo tempo, de tradição da literatura de vampiro. Enquanto têm suas raízes na tradição folclórica e mitológica, os contos de vampiro apresentam novos elementos, incorporados pelos autores ao inserirem seus vampiros em novos contextos. Muitas dessas inovações, depois de sua primeira aparição, foram incorporadas a novas histórias e à tradição, sendo retrabalhadas por autores-leitores. Bram Stoker, em seu *Drácula*, trouxe

elementos como, por exemplo, a famosa estratégia contra vampiros encontrada no alho¹.

Munido da grande habilidade do autor para criar uma atmosfera de medo, mistério e apreensão, *Drácula* tornou-se o maior ícone da literatura de vampiro.

O que nos leva a nossos motivos finais. *O convidado de Drácula* constitui um capítulo introdutório excluído da primeira edição de *Drácula*, como indicado, no prefácio escrito por Florence Bram Stoker, em sua primeira publicação na coletânea *Dracula's Guest and Other Weird Stories* (1914), dois anos após a morte do autor. Ou, dependendo dos desejos do leitor, *O convidado de Drácula* pode ser, também, interpretado como um conto completo e independente.

Quando, desta forma, colocado em questão, este conto passa a ocupar um lugar único na literatura de vampiro. Embora faça parte do universo de *Drácula*, *O convidado de Drácula* é capaz de ocupar um lugar próprio dentro da tradição literária do gênero vampiresco. Sendo, por si mesmo, capaz de dar ao leitor uma primeira experiência, um contato breve e intenso, com a narrativa de vampiro.

O convidado de Drácula é, então, mais uma demonstração da narrativa detalhista e bem elaborada de Bram Stoker. É um texto capaz de provocar uma série de impressões e sentimentos, além de ser uma perfeita oportunidade para saborear as belezas da literatura de vampiro.

¹Informação encontrada na introdução, elaborada por Alexandre M. da Silva, à coletânea *Contos clássicos de vampiro*, organizada por Bruno Costa (Hedra, 2012).

PREFÁCIO ORIGINAL

Florence Bram Stoker

Poucos meses antes da lamentada morte de meu marido – deveria dizer mesmo com a sombra da morte sobre ele – Bram planejou três livros de contos para serem publicados e este presente volume é um deles. Em sua lista original de contos para este livro, acrescentei um episódio até então inédito de Drácula. Ele foi originalmente excluído devido à extensão do livro e pode ser de interesse para os muitos leitores daquela que é considerada a obra mais notável do meu marido. As demais histórias já haviam sido publicadas em jornais ingleses e norte-americanos. Se meu marido tivesse vivido mais, ele certamente teria feito ajustes e ajudado na revisão desta obra, que é formada principalmente com histórias do começo de sua vigorosa vida. Mas, como o destino confiou a mim esta missão, considero adequado e apropriado publicá-la praticamente como foi deixada por ele.

O CONVIDADO DE DRÁCULA

Quando começamos nossa viagem, o sol brilhava forte sobre Munique, e o ar estava repleto da alegria de início da primavera. Estávamos a ponto de partir quando Herr Delbrück (o maître do hotel Quatre Saisons, onde eu estava hospedado) desceu sem seu chapéu até a carruagem e, após desejar-me um passeio agradável, dirigiu-se ao cocheiro, sem deixar de segurar a porta da carruagem: “Lembre-se de voltar ao anoitecer. O céu parece claro, mas há um fremito no vento do norte que sugere uma possível tempestade repentina. Mas estou certo de que você não se atrasará”. Nesse momento, ele sorriu e acrescentou, “por saber que noite é esta.”

Johann respondeu com um enfático “Já, mein Herr” e, tocando seu chapéu, partiu rapidamente. Quando tínhamos nos afastado da cidade, eu disse, após pedir-lhe que parasse:

“Diga-me, Johann, o que há esta noite?”

Ele fez o sinal da cruz, enquanto respondia laconicamente: “Walpurgisnacht”². Depois tirou seu relógio do bolso, um modelo alemão prateado e fora de moda, tão grande quanto um nabo e olhou para ele, com suas sobrancelhas bem unidas e um ligeiro e impaciente encolher de ombros. Percebi que era o jeito dele de protestar respeitosamente contra o atraso desnecessário

² Noite de Santa Vaburga, tradicional festa cristã cujas origens remontam em parte ao paganismo, celebrada na noite de 30 de abril, em honra de Santa Valburga, abadessa de Heindenheim, na Bevieria, no século VIII. Durante os festejos, costuma-se fazer grandes fogueiras para afugentar espíritos malignos e almas penadas. A festa anuncia a chegada da primavera.

e então afundou-se na carruagem, apenas para colocar-se novamente a caminho. Partiu de forma brusca, como se isso fosse compensar o tempo perdido. Por todo o trajeto os cavalos pareciam jogar para o alto suas cabeças e farejar suspeitosos. A estrada estava totalmente deserta; nós estávamos atravessando uma espécie de planície varrida pelo vento. Enquanto corríamos, vi uma estrada que parecia pouco usada, que mergulhava através de um pequeno vale sinuoso. Era tão convidativa que, mesmo arriscando ofendê-lo, pedi a Johann que parasse – e quando ele subiu à cabine, disse-lhe que eu gostaria de me dirigir por aquela estrada. Ele deu todo o tipo de desculpas e fez por diversas vezes o sinal da cruz enquanto falava. De certa forma, isso aguçou a minha curiosidade; logo lhe fiz várias perguntas. Ele respondeu esquivando-se e olhava repetidamente seu relógio, em protesto.

Finalmente, eu disse: “Bem, Johann, eu quero ir por aquela estrada. Não pedirei a você para acompanhar-me a não ser que você queira; mas diga-me por que você não quer ir, é apenas o que lhe peço.” Como resposta, ele jogou-se para fora da cabine e alcançou o chão rapidamente. Então ele estendeu suas mãos apelando-me para não ir. Era um inglês misturado com alemão o suficiente para que eu entendesse o objetivo de sua palestra. Ele parecia estar a todo momento a ponto de dizer-me algo – a verdadeira ideia que realmente o assustava; mas a cada vez ele impedia a si mesmo de fazê-lo, dizendo: “Walpurgisnacht!”

Tentei argumentar com ele, mas era tão difícil argumentar com um homem que não fala sua língua. A vantagem cer-

tamente estava com ele, apesar de ele começar a falar em inglês, de um jeito muito rude e falho, ele ficava sempre excitado e caía novamente em sua língua materna – e a cada vez que ele o fazia, ele olhava seu relógio. Então os cavalos ficaram inquietos e farejaram o ar. Foi quando ele empalideceu e, olhando em volta aterrorizado, pulou num ímpeto para frente, tomou os freios e guiou-os cerca de seis metros adiante. Segui-o e perguntei-lhe por que ele tinha feito aquilo. Como resposta, ele fez o sinal da cruz, apontou para o ponto que havíamos deixado e arrastou sua carruagem para a outra estrada, indicando uma encruzilhada e disse, primeiramente em alemão, depois em inglês: “Sepultado ele – ele o que matou eles mesmos”.

Lembrei-me do costume de sepultar suicidas em encruzilhadas: “Ah! Entendo, um suicida. Que interessante!” Mas nunca entendi o que poderia ter aterrorizado aqueles cavalos.

Enquanto falávamos, ouvimos uma espécie de som entre ganir e latir. Estava bem longe. No entanto, os cavalos ficaram bastante irrequietos e Johann levou tempo para acalmá-los. Ele estava pálido e comentou: “Parece como um lobo – mas já não há lobos por aqui agora.”

“Não?”, eu disse, questionando-o. “Não faz tanto tempo assim, os lobos estavam bem próximos da cidade, não?”

“Muito, muito tempo”, ele respondeu, “na primavera e no verão; mas com a neve os lobos não ficam muito por aqui.”

Enquanto ele acariciava os cavalos e tentava acalmá-los, nuvens escuras desceram rapidamente pelo céu. Os raios de sol desapareceram e uma brisa fria parecia chegar sobre nós. A bri-

sa passou rapidamente, como um aviso sobre algo, e logo o sol reapareceu, brilhando.

Johann olhou por sobre sua mão estendida para o horizonte e disse: “A nevasca chegou antes do tempo.” Então ele olhou seu relógio mais uma vez e, seguindo em frente e segurando as rédeas com firmeza, puxou os cavalos, que ainda batiam as patas sobre o solo inquietamente e balançavam suas cabeças. Ele escalou até seu banco como se tivesse chegado a hora de continuar nossa jornada.

Senti-me um tanto obstinado e não quis, mais uma vez, voltar à carruagem.

“Diga-me”, falei, “sobre esse lugar para onde a estrada leva”, e apontei para lá.

Mais uma vez, ele fez o sinal da cruz e murmurou uma prece antes de responder-me: “É ímpio.”

“O que é ímpio?”, interoguei.

“O vilarejo.”

“Então há um vilarejo lá?”

“Não, não. Ninguém vive lá há centenas de anos.”

Minha curiosidade estava aguçada. “Mas você disse que havia um vilarejo.”

“Havia.”

“Onde ele está agora?”

A isso, ele desenfreou uma longa história em alemão e em inglês, tão misturado que eu quase não entendia o que ele falava. Pincei, no máximo, coisas como “há muito tempo, centenas de anos, homens morriam lá e eram queimados em seus

túmulos; mas um som vindo debaixo da terra era ouvido constantemente e, quando os túmulos eram abertos, homens e mulheres eram encontrados ali, rosados e com vida e seus lábios vermelhos como sangue. E ainda, na pressa de salvar suas vidas (ah, e suas almas! – e aí ele fazia o sinal da cruz), aquele que escapavam corriam dali para outros lugares, onde os vivos viviam e os mortos estavam mortos e não – não aquela coisa.” Ele estava evidentemente com medo de falar aquelas últimas palavras. Enquanto ele prosseguia sua narrativa, ele tornava-se mais e mais excitado. Parecia como se sua imaginação o tivesse acertado em cheio e ele terminou na perfeita caricatura do medo – rosto embranquecido, transpirante, tremendo e olhando em volta de si como se esperando uma terrível presença que pudesse se manifestar ali mesmo sob o brilho do sol e ao ar livre.

Finalmente, em agonia desesperada, ele gritou, “Walpurgisnacht!” e apontou para a carruagem para que eu entrasse nela.

Todo o meu sangue inglês subiu à cabeça nesse momento e, recuando, eu disse: “Você tem medo, Johann, você tem medo. Vá para casa, eu devo voltar só, a caminhada me fará bem.” A porta da carruagem estava aberta. Tomei de meu assento minha bengala de carvalho – que carregava apenas em minhas excursões de férias – e fechei a porta, apontando para Munique, e disse: “Vá para casa, Johann – Walpurgisnacht não é para ingleses.”

Os cavalos estavam agora mais rebeldes do que nunca e Johann tentava segurá-los, enquanto me implorava avidamente para não fazer nenhuma bobagem. Tive pena do pobre camarada, ele estava tão empenhado em seu zelo, mas de todo modo

eu não poderia ajudá-lo rindo. Seu inglês já havia se perdido completamente. Em sua ansiedade, ele havia esquecido que a única forma que conseguiria fazer-me compreendê-lo seria falando em minha língua, mas tagarelava em seu alemão materno. Começou a ficar um tanto tedioso. Após dar-lhe a direção – “Casa!” – voltei-me estrada abaixo através do vale.

Com um gesto desesperador, Johann voltou seus cavalos para Munique. Inclinei-me sobre a minha bengala e olhei para ele. Ele ia lentamente através da estrada por um tempo, mas logo depois um homem magro e alto apareceu na crista do morro. Pude ver bem à distância. Quando ele se aproximou dos cavalos, eles começaram a pular e a chutar, então a gritar com terror. Johann não pôde detê-los; eles rodopiaram estrada abaixo, correndo loucamente. Assisti-lhes até desaparecerem de meu campo de visão, depois olhei para o estranho; mas acredito que ele, também, havia partido.

De coração leve, voltei-me para o lado da estrada para onde se afundava o vale do qual Johann tanto se esquivou. Não havia o menor sinal de razão, pelo que eu poderia ver, para tão objeção; e, ousado dizer, vaguei por algumas horas sem pensar no tempo ou distância e certamente sem ver pessoa ou casa alguma. No que tocava ao lugar, não passava até agora da desolação em si mesma. Mas eu não notei esta particularidade até que, ao virar no fim da estrada, deparei-me com um bosque esparso; logo reconheci que eu estava inconscientemente impressionado pela desolação da região pela qual havia passado.

Sentei-me para descansar e comecei a olhar em volta. Fui atingido pela sensação de que o tempo havia ficado muito mais frio do que no início de minha caminhada – um suspiro parecia me acompanhar dali em diante, bem alto por cima de mim, uma espécie de rugido abafado. Olhando para o alto percebi grande nuvens espessas que desciam depressa através do céu de noite a sul e bem alto. Havia sinais de uma tempestade se aproximando lá no alto. Eu estava ficando um pouco com frio e, considerando esta a minha sessão de descanso após o exercício da caminhada, retomei meu rumo.

A terra pela qual havia passado estava agora muito mais pitoresca. Não havia nada especificamente impressionante em que pudesse pousar o olhar, mas tudo ali continha um encanto de beleza. Atentei-me um pouco ao tempo e foi quando o crepúsculo surgiu forte sobre mim que comecei a pensar em como encontraria meu caminho para casa. O ar estava frio e as nuvens vagando no alto estavam ainda mais fortes. Elas estavam acompanhadas por uma espécie de som apressado ao longe, que parecia ser intercalado por um choro misterioso, aquele que o cocheiro disse ser de lobos. Por um momento hesitei. Disse aos meus botões que gostaria de ver o vilarejo deserto, então segui e fui apresentado com uma grande extensão de campo aberto, cercado por colinas ao redor.

Cada lado era coberto por árvores estendendo-se planície abaixo, com moitas pontilhando suavemente sobre as encostas, e depressões que apareciam aqui e ali. Segui com meus olhos o

restante da estrada e vi que se curvava próximo a uma das mais densas dessas moitas e perdia-se por trás dela.

Enquanto olhava, um calafrio cortou o ar e a neve começou a cair. Pensei nas milhas e milhas de campo ermo pelas quais havia passado e então me apressei em busca de abrigo no bosque à frente. Mais e mais escuro ficava o céu e mais rápida e mais pesada caía a neve, até que a terra de antes e em volta reluzia como um tapete branco cujas bordas haviam se perdido em uma indefinição enevoada. A estrada estava lá, mas quase desaparecendo e, quando os seus limites não estavam mais tão visíveis, quando passava pelas estacas, por pouco não descobri que eu havia me desviado dela, porque não sentia mais a superfície dura da terra e meu pé afundou profundamente na grama e no musgo. Então o vento ficou mais forte e soprou cada vez mais, até que fui forçado a correr contra ele. O ar tornou-se gelido e, apesar do meu exercício, comecei a sofrer com isso. A neve estava agora caindo de forma tão densa e rodopiando em volta de mim em redemoinhos tão rápidos que tive muita dificuldade para conseguir deixar meus olhos abertos. Por vezes, o céu era tomado por raios vívidos e, com os relâmpagos, eu pude ver a minha frente uma grande massa de árvores, sobretudo teixos e ciprestes, todos fortemente revestidos de neve.

Logo estava eu abrigado sob as árvores e, ali, em tal silêncio, pude ouvir o rumor do vento bem alto sobre mim. Agora, a escuridão da tempestade mesclava-se com a escuridão da noite. Aos poucos, a tempestade parecia ter passado e apenas restavam algumas nuvens amedrontadoras e relâmpagos. Den-

tro de alguns instantes, o estranho uivo de um lobo aparecia como em um eco, reverberando sons similares à minha volta.

De quando em quando, através das nuvens negras que flutuavam à deriva, surgia um disperso raio de luar, que iluminava a vastidão e mostrava-me que eu me encontrava na extremidade de uma massa densa de ciprestes e teixos. Como a neve havia parado de cair, saí do abrigo e comecei a investigar mais detalhadamente. Pareceu-me que, no meio de tantas construções antigas pelas quais havia passado, deveria haver uma casa onde, embora em ruínas, eu poderia achar por ora algum tipo de abrigo. Assim que contornei a beirada do bosque, descobri que um muro baixo a circundava e, seguindo-o, encontrei uma abertura. Então os ciprestes formaram um caminho em direção a um enorme quadrado de algum tipo de construção. Assim que vi essa construção, porém, as nuvens negras esconderam o luar e passei a caminhar na escuridão. O vento deve ter ficado mais gelado, pois passei a ter calafrios conforme caminhava; mas havia a esperança de abrigo, e tateei o caminho às cegas.

Parei assim que houve uma calma repentina. A tempestade tinha passado e, talvez por simpatia com o silêncio da natureza, meu coração parecia ter parado de bater. Mas isso foi apenas momentaneamente; de repente o luar atravessou as nuvens, mostrando-me que eu me encontrava em um cemitério e que aquele quadrado à minha frente era uma enorme tumba de mármore maciço, tão branca como a neve que caía por cima de tudo ao redor. Com o luar, veio um suspiro violento da tempestade, que aparece para continuar o seu percurso com um longo

e baixo uivo, como se fossem muitos cães ou lobos. Eu estava impressionado e chocado e sentia o frio aumentar dentro de mim até que pareceu me agarrar pelo coração. Então, enquanto o rio de luar ainda caía na tumba de mármore, a tempestade deu clara evidência de que iria se renovar, como se estivesse voltando com tudo. Impelido por algum tipo de fascinação, aproximei-me do sepulcro para ver o que era e por que uma coisa como esta estava sozinha num lugar como esse. Caminhei em volta e li, na porta em estilo dórico, em alemão:

CONDESSA DOLINGEN DE GRATZ NA ESTÍRIA
PROCURADA E ENCONTRADA MORTA

1801

No topo da tumba, aparentemente cravado no mármore – a estrutura era composta de uns poucos blocos enormes de pedra –, estava um enorme prego ou estaca de ferro. Ao ir para a parte de trás, vi, esculpido em enormes letras cirílicas:

OS MORTOS VIAJAM DEPRESSA.

Havia algo tão estranho e misterioso nisso tudo que me tonteou e me fez sentir bastante fraco. Comecei a desejar, pela primeira vez, ter seguido o conselho de Johann. Então um pensamento me surpreendeu e veio sob circunstâncias quase misteriosas e com um choque terrível. Era a Noite de Santa Valburga!

A Noite de Santa Valburga era quando, de acordo com a crença de milhões de pessoas, o diabo saía – quando os túmulos eram abertos e os mortos saíam a caminhar. Quando todas as coisas malignas da terra, do ar e da água se rejubilavam. O cocheiro havia evitado este lugar em especial. Este era o vilarejo

despovoado de séculos atrás. Era onde os suicidas repousavam e era o lugar onde eu estava sozinho – sozinho, tremendo de frio em uma mortalha de neve com uma tempestade selvagem vindo novamente ao meu encontro! Foram necessárias toda minha filosofia, toda a religião que me havia sido ensinada e toda a minha coragem para não ruir em uma crise de medo.

E agora um tornado perfeito arrebentou em cima de mim. O chão tremeu como se milhares de cavalos trovejassem sobre ele e, nessa hora, a tempestade trouxe em suas asas geladas não a neve, mas grandes pedras de granizo que conduzia com tamanha violência que pareciam ter sido arremessadas por fendas das ilhas Baleares³ – granizos que atingiam as folhas e os ramos e tornavam o abrigo dos ciprestes inútil apesar dos caules ainda de pé. Corri primeiro para a árvore mais próxima, mas logo me vi forçado a sair e busquei o único lugar em que poderia me refugiar, a profunda porta dórica da tumba de mármore. Lá, agachado contra a porta de bronze maciço, consegui me proteger um pouco dos granizos, agora eles só me atingiam conforme ricocheteavam no chão e ao lado do mármore.

Conforme me inclinava contra a porta, ela movia-se levemente e abriu para dentro. Mesmo o abrigo de uma tumba foi bem-vindo naquela tempestade impiedosa e eu estava para entrar quando veio um clarão de um raio bifurcado que iluminou toda a vastidão dos céus. Na hora, como um homem vivo que

³ Arquipélago pertencente à Espanha, localizado no Mar Mediterrâneo, cujas principais ilhas são Maiorca, Menorca, Cabrera, Ibiza e Formentera e cujos habitantes eram hábeis atiradores de pedras com funda.

sou, eu vi, conforme meus olhos se viraram para dentro da escuridão da tumba, uma linda mulher, com bochechas arredondadas e lábios vermelhos, aparentemente dormindo em um caixão. Com o estouro do trovão acima, fui como que agarrado pela mão de um gigante e arremessado para a tempestade. A coisa toda foi tão repentina que, antes que pudesse perceber o choque, tanto o moral quanto o físico, encontrei as pedras de granizo me derrubando no chão. Ao mesmo tempo, tive uma sensação estranha e dominante de que eu não estava sozinho. Olhei para a tumba. Logo então veio outro clarão ofuscante, que pareceu acertar a estaca de ferro acima da tumba e se estendeu até o chão, explodindo e deixando o mármore em ruínas, como em uma explosão de chamas.

A mulher morta se levantou por um momento em agonia, enquanto era lambida pelas chamas e seu grito amargo de dor foi abafado pelo ruído do trovão. A última coisa que ouvi foi essa terrível mistura de sons, conforme fui tomado e agarrado novamente na mão do gigante e arrastado, enquanto as pedras de granizo batiam em mim e o ar ao redor parecia reverberar com o uivo dos lobos. A última visão de que me lembro era de uma vaga massa branca em movimento, como se todos os túmulos ao meu redor tivessem expulsado os fantasmas de seus mortos e que eles estavam se aproximando de mim através do nevoeiro branco de granizo.

Aos poucos, houve uma espécie de um vago início de consciência; então, uma sensação de cansaço que foi terrível. Por um tempo, não me lembrei de nada; mas vagarosamente meus sentidos foram voltando. Meus pés pareciam dilacerados pela dor, ainda que eu não pudesse movê-los. Eles pareciam

estar anestesiados. Tive uma sensação gelada atrás do meu pescoço e para baixo da minha espinha, e minhas orelhas, assim como meus pés, estavam sem energia, ainda que doloridos; mas havia na minha respiração uma sensação de calor que foi, em comparação, deliciosa. Foi como um pesadelo – um pesadelo físico, se é que alguém usa tal expressão; algo pesado em meu peito dificultou-me a respiração.

Este período de semiletargia pareceu durar um longo tempo e conforme foi sumindo eu devo ter dormido ou desmaiado. Então veio uma espécie de delírio, igual à náusea quando estamos embarcados, e um desejo selvagem de se livrar de algo – que eu não sabia o que era. Uma vasta quietude apoderou-se de mim, como se todo o mundo estivesse dormindo ou morto – somente quebrado por um som ofegante e baixo como se viesse de algo próximo a mim. Senti algo quente e áspero na minha garganta, então veio a consciência da terrível verdade, que me gelou o coração e mandou o sangue direto para o meu cérebro. Algum animal grande estava deitado sobre mim e agora lambia minha garganta. Fiquei com medo de me mexer, por algum instinto de prudência que me fez permanecer ali deitado; mas a besta pareceu perceber que agora algo mudava em mim, pois levantou a cabeça. Através de meus cílios, vi acima de mim os dois olhos grandes e flamejantes de um logo gigante. Seus dentes brancos afiados brilharam na boca avermelhada e escancarada e eu podia sentir sua respiração quente, feroz e mordaz sobre mim.

Fiquei mais um tempo sem lembrar-me de nada. Então fui percebendo um rosnado baixo, seguido de um uivo, reno-

vado novamente. Depois, parecendo vir de muito longe, ouvi um “Holloa! Holloa!”, como se muitas vozes estivessem chamando em uníssono. Levantei a cabeça com cautela e olhei na direção de onde vinha o som; mas o cemitério bloqueou a minha visão. O lobo ainda continuava a uivar de maneira estranha e um brilho vermelho começou a se mover em volta do bosque de ciprestes, como se seguisse o som. Conforme as vozes se aproximavam, o lobo uivava mais alto e mais rápido. Temia fazer qualquer som ou movimento. O brilho vermelho se aproximava, sobre o manto branco que se estendia na escuridão em volta de mim. Então, de uma vez só e do meio das árvores, veio trotando uma tropa de cavaleiros segurando tochas. O lobo levantou-se do meu peito e foi em direção ao cemitério. Vi um dos cavaleiros (soldados com suas boinas e longas capas militares) levantar sua carabina e mirar. Um companheiro bateu em seu braço e ouvi a bala zumbir acima da minha cabeça. Ele evidentemente tinha tomado o meu corpo como sendo o do lobo. Outro avistou o animal conforme ele escapulia para longe e seguiu-se um novo tiro. Então, a galope, a tropa prosseguia em frente - alguns em minha direção, outros seguindo o lobo enquanto ele desaparecia entre os ciprestes cobertos de neve.

Conforme eles se aproximavam, tentei me mexer, mas não tive forças, embora pudesse ver e ouvir tudo o que acontecia ao meu redor. Dois ou três soldados saltaram de seus cavalos e ajoelharam-se ao meu lado. Um deles levantou a minha cabeça e colocou a mão sobre meu coração.

“Boas notícias, camaradas”, ele gritou. “Seu coração ainda bate!”

Então empurraram um pouco de conhaque em minha garganta, que me revigorou e consegui abrir completamente os meus olhos e olhar ao redor. Luzes e sombras se moviam através das árvores e ouvi os homens falarem uns com os outros. Eles se reuniram, proferindo exclamações assustadas; e as luzes brilharam enquanto os outros se aproximavam desordenadamente vindos do cemitério, como homens possuídos. Quando os outros se aproximaram de nós, os que estavam ao meu redor perguntaram-lhes ansiosamente:

“Bem, vocês o encontraram?”

A resposta ecoou apressadamente: “Não! Não! Venham rápido - rápido. Este não é um lugar para se ficar, nem nesta nem em nenhuma das noites!”

“O que foi?”, era a questão, ecoando nos mais diversos tons. A resposta veio de várias maneiras, todas elas indefinidas, como se os homens tivessem sido levados por algum impulso comum de falar, mas foram contidos por algum medo também comum de dar os seus pensamentos.

“Ele - ele - mesmo”, um, cuja inteligência tinha claramente desaparecido por um momento, falou sem sentido.

“Um lobo - e ainda não um lobo!”, outro balbuciou, tremendo.

“Nem adianta tentar acertá-lo sem a bala sagrada”, comentou um terceiro de uma maneira mais ordenada.

“Serviu-nos como uma luva termos saído esta noite! Atingimos de verdade a nossa milésima patrulha”, foram as elocubrações de um quarto.

“Havia sangue sobre o mármore quebrado”, um outro disse depois de uma pausa – “um raio nunca faria isso ali. E para ele – ele está seguro? Olhe para a sua garganta! Vejam, camaradas, o lobo estava deitado sobre ele, mantendo o seu sangue quente.”

O oficial olhou minha garganta e respondeu: “Ele está bem; a pele não foi perfurada. O que significa tudo isso? Nós nunca o teríamos encontrado, se não fosse o uivo do lobo.”

“O que acontece com ele?”, perguntou o homem que estava segurando a minha cabeça e que parecia o menos apavorado entre eles, pelas mãos firmes e sem tremor. Em sua manga, estava a divisa de um suboficial.

“Ele foi para casa”, respondeu o homem, cujo rosto comprido estava pálido e que realmente tremeu com terror enquanto olhava em volta de si, amedrontado. “Há túmulos o bastante ali onde ele poderia deitar. Venham, camaradas – venham rápido! Vamos deixar esse lugar amaldiçoado.”

O oficial colocou-me sentado, enquanto proferia uma palavra de comando; então vários homens colocaram-me em cima de um cavalo. Ele subiu na sela atrás de mim; levou-me em seus braços, deu palavra de ordem para avançar; e, voltando nossos rostos para além dos ciprestes, afastamo-nos como um veloz batalhão militar.

Como a minha língua se recusava a trabalhar, eu estava forçosamente em silêncio. Talvez eu tenha adormecido; o que me lembro depois disso era de me encontrar de pé, auxiliado por um soldado de cada lado. Era quase dia claro e, ao norte, uma risca clara de luz do sol se refletia, como uma marca de sangue sobre os restos de neve. O oficial estava dizendo aos homens

para não falar nada do que eles haviam visto, exceto sobre terem encontrado um estrangeiro inglês, guardado por um enorme cão.

“Cão! Não havia cão algum”, cortou o homem que exibia medo. “Acho que reconheço um lobo quando vejo um.”

O jovem oficial respondeu calmamente: “Eu disse um cão.”

“Cão!”, reiterou o outro ironicamente. Era evidente que sua coragem estava subindo com o sol; e, apontando para mim, ele disse: “Olhe para a garganta dele. É o trabalho de um cão, mestre?”

Instintivamente, levei minha mão à garganta e, quando a toquei, gritei de dor. Os homens aproximaram-se em volta de mim para olhar, alguns inclinando-se sobre suas selas; e ainda assim a calma voz do jovem oficial continuou: “Um cão, como eu disse. Se algo mais for dito, todos rirão de nós.”

Foi quando me montaram junto a um dos soldados e seguimos para os subúrbios de Munique. Ali, cruzamos um coche, onde me deixaram e que me levou até o Quatre Saisons – o jovem oficial me acompanhava, enquanto um soldado nos seguia sobre o seu cavalo e os outros dirigiram-se para suas barracas.

Quando chegamos, Herr Delbrück voou tão rápido escada abaixo para me encontrar que até parecia que ele estava nos observando há algum tempo. Tomando-me com ambas as mãos, ele guiou-me solícito para dentro de casa. O oficial me saudou e virava-se para se retirar, quando compreendi seu objetivo, e insisti que ele deveria vir aos meus aposentos. Com um copo de vinho, agradeci-lhe calorosamente e a seus bravos camaradas por terem salvo minha vida. Ele replicou simplesmente que estava mais que feliz e que Herr Delbrück havia em pri-

meiro lugar tomado providências para fazer toda busca prazerosa; e a essa frase ambígua o maître do hotel sorriu e, em seguida, o oficial pediu permissão e se retirou.

“Mas, Herr Delbrück”, perguntei, “como e por que esses soldados procuravam por mim?”

Ele encolheu seus ombros, como se depreciasse seu próprio dever, e replicou: “Tive muita sorte em conseguir permissão do comandante do regime em que servi para chamar voluntários.”

“Mas como você soube que eu havia me perdido?”, perguntei.

“O cocheiro veio cá com os restos de sua carruagem, o que foi difícil quando os cavalos fugiram.”

“Mas certamente você não poderia enviar um grupo de busca de soldados apenas com essa suposição?”

“Oh, não!”, ele respondeu, “mas antes mesmo que o cocheiro chegasse, eu recebi esse telegrama do boiardo⁴, de quem o senhor é convidado”, e ele tirou de seu bolso um telegrama que ele estendeu para mim e eu li:

*Bistritz*⁵.

Cuide bem de meu convidado – sua segurança é muito preciosa para mim. O que quer que lhe aconteça, ou se ele se perder, não poupe nada para encontrá-lo e assegure-se de sua segurança. Ele é inglês e, portanto, aventureiro. Há sempre os perigos da neve, dos lobos e da noite. Não perca um minuto se suspeitar de algo que o ameace. Eu respondo a seu zelo com a minha fortuna.

– Drácula.

⁴ Título atribuído aos membros da aristocracia russa.

⁵ Capital da Transilvânia, na Romênia.

Enquanto eu segurava o telegrama em minha mão, o quarto parecia girar em torno de mim; e, se o atencioso maître do hotel não me segurasse, acho que poderia ter caído. Havia algo tão estranho nisso tudo, algo tão bizarro e impossível de imaginar, que cresceu em mim uma sensação em como se meu ser estivesse em uma espécie de jogo de forças opostas – apenas a vaga ideia que, de certa forma, me paralisou. Eu estava certamente sob uma forma misteriosa de proteção. De um país distante tinha vindo, no último instante, a mensagem que me salvou de sucumbir à neve e às garras do lobo.

Edição composta para a disciplina Paratextos editoriais,
oferecida pelo professor Gustavo Cerqueira na Faculdade de
Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
Belo Horizonte, 2017.